

As transformações do telejornalismo brasileiro e a influência da ditadura militar na televisão nas décadas de 1960 e 1970¹

Ana Carolina Felipe Contato²

Resumo: Em mais de sessenta anos de presença da televisão no Brasil, o meio eletrônico se tornou a mais popular forma de entretenimento e informação entre os brasileiros. Observando as transformações dos telejornais em relação ao formato e linguagem desde os anos 1950 até a atualidade, busca-se por meio de estudo bibliográfico e entrevistas com profissionais que fizeram parte da história do telejornalismo em nosso país, verificar quais foram as principais mudanças. Além disso, destaca-se a influência da censura do Regime Militar nas décadas de 1960 e 1970 na produção e exibição de noticiários enquanto fator coercitivo para a livre veiculação da informação.

Palavras-chave: História do telejornalismo; telejornalismo e Ditadura; Ditadura Militar Brasileira.

Abstract: In more than sixty years of television existence in Brazil, the electronic media has become the most popular form of entertainment and information among Brazilians. Observing the transformation of TV news, regarding the format and language from the 1950s to the present, we try to ascertain what major changes have happened by means of literature research and interviews with professionals who have been part of the history of news broadcasting in Brazil. Besides, there was a major influence of the censorship of the military regime in the 1960s and 1970s that interfered in the production and display of news while coercive factor for the free propagation of information.

Keywords: History of news broadcasting; Dictatorship and news broadcasting; Brazilian Military Dictatorship.

1. Introdução

Dentre os mais populares meios de comunicação de que dispõe o povo brasileiro, certamente a televisão desfruta de lugar de destaque, pois ela é, como acredita Ana Paula Goulart (2010), a principal opção de entretenimento e de informação

¹ Trabalho apresentado no GT 1- Mídia e Conflitos, do Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem – ENCOI.

² Docente da Faculdade Pitágoras de Londrina. E-mail: ana.contato@kroton.com.br

da grande maioria da população do país. O “brinquedo mais fascinante do século XX³” tornou-se mais que diversão e passou a exercer função informativa. Além disso, a partir de 1950 quando a pioneira TV Tupi foi inaugurada, a realidade brasileira passou a ser engendrada e balizada também pelo novo meio.

Muitos são os fatores que, combinados, tornaram-na bem-sucedida no Brasil: “a má distribuição de renda, a concentração da propriedade das emissoras, o baixo nível educacional, o regime totalitário nas décadas de 1960 e 70, a imposição de uma homogeneidade cultural e até mesmo a alta qualidade da nossa teledramaturgia”. (REZENDE, 2000, p. 23). De fato, as novelas televisivas são destaque na programação de boa parte das emissoras abertas no país, no entanto, é o telejornalismo quem desfruta de credibilidade junto ao público e aos anunciantes⁴.

O telejornalismo, presente desde o início do meio eletrônico em nosso país, passou a ser o principal mediador da realidade, “promovendo desconexões e recomposições em relação à realidade nacional” (BECKER, 2005, p. 13). Barateada, a TV passou a fazer parte de aproximadamente 97% dos lares brasileiros e se consolidou como meio hegemônico de informação⁵.

Nestes mais de sessenta anos de presença da televisão em nosso país, muita coisa mudou – formatos televisuais, tecnologia, linguagem. O presente artigo tem como foco mapear tais transformações para que se possa compreender como a TV contemporânea pôde se configurar, além de mostrar, por meio de depoimentos, a influência que a ditadura militar teve na programação telejornalística brasileira.

³ Termo empregado por Marialva Barbosa em *História da Televisão no Brasil*, 2010, p. 31

⁴ O intervalo comercial mais caro na Rede Globo é do *Jornal Nacional*, seguido dos demais telejornais da emissora: no *JN*, o anunciante desembolsa R\$ 571.500,00 por comerciais de 30 segundos com três inserções semanais. Dados dos sites <<http://www.midiainteressante.com/2009/11/publicidade-na-tv-quanto-custa-anunciar.html>> e <http://s.glbimg.com/po/an/m/thumb/precos/Lista_de_Precos_Out_2013_.pdf>. Acesso em 15 de outubro de 2013.

⁵ Dados da Pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística referentes ao ano de 2011. <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=40>. Acesso em 10 de outubro de 2013.

2. Anos de chumbo: a influência da ditadura no telejornalismo

Dez anos após a chegada do novo meio ao Brasil, novas emissoras foram inauguradas e a programação jornalística ganhara seus primeiros formatos próprios. Em setembro de 1960 foi inaugurada a *TV Cultura*, canal 2 em São Paulo, sob o comando dos *Diários Associados* e após incêndio passou a ser uma emissora pública em 1969. Ainda em 1960 outras emissoras de destaque foram ao ar pela primeira vez⁶.

Carecendo de elementos que lhe dessem formato original, o telejornal brasileiro alcançou patamar inédito com o *Jornal de Vanguarda*, apresentado pela *TV Excelsior* e dirigido por Fernando Barbosa Lima. A equipe de produção, majoritariamente formada por jornalistas vindos do impresso, era reforçada por colunistas como Millôr Fernandes e João Saldanha, com locução de Cid Moreira e Luís Jatobá. Em 1963, o *TJ* recebeu o *Prêmio Ondas* na Espanha, sagrando-se o melhor do mundo, mas o golpe militar de 1964 fez com que a equipe o extinguisse após o Ato Institucional nº 5, que provavelmente censuraria seus conteúdo e formato inovadores. Embora não tenha sido apresentado por muito tempo, o *Jornal de Vanguarda* foi um dos responsáveis por romper com a linguagem radiofônica predominante nos telenoticiários brasileiros à época. No estúdio havia vários apresentadores e comentaristas e era considerado um show de notícias, porém o telejornal teve problemas com a censura e foi tirado do ar no momento da instalação do Ato Institucional nº 5:

(...) todos nós nos reunimos e resolvemos tirar o jornal do ar. Achávamos que um jornal que tinha ganhado tantos prêmios, que era um jornal tão considerado, com o novo ato institucional, cada dia ele teria que ser um pouco pior. Afinal esse ato institucional veio para valer mesmo e para fechar o país. A censura passou a ser muito forte e nós mesmos decidimos tirar o jornal do ar. Todos nós nos juntamos e chegamos a essa decisão, ou seja, uma decisão da equipe. Inclusive, a última frase do jornal, quando nós estávamos nos despedindo, dizia assim: 'um cavalo de raça a gente mata com um tiro na cabeça'. E acabou o jornal⁷.

⁶ A TV Itapoan (de Salvador), TV Brasília, TV Rádio Clube (de Recife), TV Paraná, TV Ceará, TV Goiânia, TV Mariano Procópio (de Juiz de Fora), Tupi-Difusora (de São José do Rio Preto). E, no ano seguinte, seria a vez da TV Vitória, TV Coroados, TV Borborema (de Campina Grande), TV Alterosa (Belo Horizonte), TV Baré, TV Uberaba, TV Florianópolis, TV Aracaju, TV Campo Grande e TV Corumbá (BARBOSA, 2010, p. 21).

⁷ Fernando Barbosa Lima, em entrevista à pesquisadora Florentina Neves Souza, em 1999.

Para além da exceção que foi o *Jornal de Vanguarda*, o início da década de 1960 foi marcado por poucas modificações na forma de apresentar o noticiário televisivo. Guilherme Jorge de Rezende (2000) afirma que apesar dos avanços, as mudanças de linguagem televisiva eram visíveis nas produções de entretenimento – novelas e shows. O telejornalismo continuava a padecer com a falta de um estilo próprio.

O endurecimento da censura pelo Regime Militar estimulava a auto coerção por parte de emissoras e jornalistas e a época ficou marcada por um telejornalismo chapa-branca⁸. Inimá Simões contribui com a discussão salientando que enquanto os impressos *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã* e *O Estado de S. Paulo* reagiam ao AI-5, na TV eram mostradas “espécies raras de baleias, inauguração de usinas, crianças acenando bandeirinhas, etc., resultado de uma linha editorial destinada a compor cenários edificantes” (SIMÕES, 2003, p. 72).

Além do *Jornal de Vanguarda*, outro programa tinha perfil editorial contrário ao governo. O programa de debate *Pinga-Fogo*, transmitido pela *TV Tupi* de São Paulo exibia entrevistas e promovia discussões com políticos e personalidades, repercutindo entre intelectuais da época. De acordo com Edgar Amorim⁹, o programa foi inovador porque além de esmiuçar fatos importantes da sociedade nacional, introduziu a participação do telespectador, por telefone. Saulo Gomes¹⁰ recorda que *Pinga Fogo*

(...) era o programa de maior repercussão no Brasil. Todos os grandes políticos como Adhemar de Barros, Juscelino Kubitschek, Carlos Lacerda, Carlos Prestes, Leonel Brizola, todos os grandes líderes da época civis e militares estiveram neste programa. Foi realmente o maior programa de entrevistas que já se teve na tevê brasileira. O programa era semanal e de longo tempo; se não me engano, tinha duas horas de duração e às vezes pedia até mais tempo dependendo da importância e da repercussão do entrevistado. Tinha um ou mais entrevistados, era um esquema como se vê hoje no *Roda Viva*, na *Cultura*, mas isto nasceu com o *Pinga Fogo* e tratando só de política.

⁸ Expressão usada para designar o jornalismo que se exime de questionar o governo vigente.

⁹ Entrevista concedida à pesquisadora Florentina Neves Souza, em 1999.

¹⁰ Jornalista profissional, Saulo Gomes iniciou sua carreira em 1956, na Rádio Continental, no Rio de Janeiro. Em 1961 transferiu-se para a TV Tupi.

O jornalista acrescenta que além de personalidades políticas, o líder espírita Chico Xavier fora uma dos convidados mais representativos do programa:

Em 1968, em julho, e depois, repetindo a dose, em agosto de 1971, eu sugeri e a casa aceitou, pois era um risco muito grande já que a Igreja Católica ainda dominava o Brasil e dentro deste domínio tinha a rádio, a televisão e a imprensa, a presença de um místico na televisão, o médium Chico Xavier, de Uberaba. E foi, até o momento, a maior audiência da televisão registrada em todos os tempos. Nós tivemos oitenta e seis pontos de Ibope, com apenas onze por cento de aparelhos desligados, no programa *Pinga Fogo*, cujo registro está na Cinemateca Brasileira¹¹.

A segunda metade da década de 1960 foi marcada pelo *boom* de aparelhos televisores por todo o país e pela inauguração em 26 de abril de 1965 da *TV Globo*. Emissora de maior audiência até a atualidade, a *Globo* iniciou suas transmissões voltada para as camadas socioeconômicas mais baixas e, como pontua Sérgio Mattos (2010), sua programação era composta por telenovelas, programas de auditório e filmes “enlatados”, como ficaram conhecidos os produtos televisivos importados dos Estados Unidos.

Foi em 1969, mais precisamente no dia 1º de setembro que a exibição da primeira edição do *Jornal Nacional* deu ao telejornalismo brasileiro novos parâmetros de formato. Viabilizado graças ao sistema de micro-ondas e a transmissão via satélite, o *JN* já nasceu em rede e foi visto ao vivo por São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Brasília. Apresentado por Hilton Gomes e Cid Moreira, o TJ atingia, desde o início, “aproximadamente 60 milhões de brasileiros” (VIZEU, 2008, p.54). Coutinho afirma que “desde sua primeira exibição (...) o *Jornal Nacional* sempre ocupou lugar de destaque na sociedade brasileira, podendo ser considerado como uma espécie de arena da vida pública no Brasil” (COUTINHO, 2012, p. 66).

Em 13 de maio de 1967 outra emissora que se tornaria relevante para o cenário telejornalístico do Brasil entrara no ar – a *TV Bandeirantes*, pertencente ao empresário João Saad esteve, desde o início, ligada às coberturas esportiva e jornalística, mantendo o telejornal mais antigo ainda em exibição no país, o *Jornal da Band*. Antes chamado *Jornal Bandeirantes*, ele está no ar desde a fundação da emissora.

¹¹ Entrevista concedida à pesquisadora Florentina Neves Souza, em 1999.

A *TV Tupi* criou em 1972 o *Rede Nacional de Notícias*, com transmissão ao vivo e em rede, mas a emissora de Assis Chateaubriand já havia perdido a liderança para a “*Vênus Platinada*”, como a *Globo* passou a ser chamada. Há que se mencionar ainda, *Hora da Notícia*, produzido pela *TV Cultura*. Este último, à exceção, trazia o público para a notícia, dando voz ao telespectador; entretanto, esta nova linguagem, que objetivava popularizar o noticiário e trazer pautas sobre a política nacional, desagradava o governo militar e Wladimir Herzog – diretor que substituiu Fernando Jordão na direção do telejornal – fora morto nos porões da ditadura, sendo até hoje lembrado como o símbolo da repressão sofrida aos meios de comunicação. Rose Nogueira¹², companheira de Herzog na *TV Cultura*, lembra a morte do colega:

Houve outras mortes na ditadura, mas essa foi a gota d’água e o Brasil não suportou mais. Com a morte do Vlado, eu acredito que a ditadura começou a cair, dez anos antes do que caiu de verdade e acabou. Não dava mais para esconder que eles eram assassinos¹³.

Fechando a década de 1970 e também a supremacia da *TV Tupi*, esta passou a transmitir seu último sucesso com o programa *Abertura*. “com um elenco numeroso de editores-apresentadores – Antônio Callado, Ziraldo (...) o programa abriu o microfone para os exilados que voltavam ao país – Luís Carlos Prestes, Leonel Brizola, Darci Ribeiro, entre outros” (REZENDE, 2010, p.61).

Repórter Esso, destaque da primeira geração de telejornais no Brasil, teve sua última apresentação em 31 de dezembro de 1970. Símbolo da era amadorística da televisão, o noticiário representava, de acordo com Gabriel Priolli (1985), a herança radiofônica e a subordinação total dos programas aos interesses e estratégias dos patrocinadores. Seu fim marcou o abandono da linguagem radiofônica predominante à época.

A potencial linguagem telejornalística viu-se elevada a outro patamar com a estreia de *Fantástico – O Show da Vida*, em 1973. Numa mistura de jornalismo

¹² Começou sua carreira de jornalista ao 17 anos na Revista *Intervalo*. Na *Rede Globo*, fazia parte da equipe do programa *TV Mulher*; foi presa e torturada durante a ditadura militar. Na *TV Cultura*, foi redatora da editoria de Internacional do *Hora da Notícia*.

¹³ Entrevista concedida à pesquisadora Florentina Neves Souza, em 1999.

com entretenimento, o dominical da *Globo* trouxe para a TV um híbrido copiado até hoje por emissoras concorrentes. Pode-se dizer que a *Globo*, com seus jornalísticos inspirados na programação norte-americana, trouxe ao brasileiro o padrão estético que finalmente passaria a ser o modelo ideal.

Claro que não foi a *Globo* que criou o telejornalismo, mas foi ela que eliminou o improviso, impôs uma duração rígida no noticiário, copidescou não só o texto como a entonação e o visual dos locutores, montou um cenário adequado, deu ritmo à notícia, articulando com excelente “timing” texto e imagem (pode ser que você não se lembre, mas com a *Globo* começamos a assistir a esta coisa quase impossível: os programas entrarem no ar na hora certa) (PIGNATARI *apud* REZENDE, 2000, p. 113, 114).

A *TV Record* – inaugurada no dia 27 de setembro de 1953 – só deu ênfase ao telejornalismo na década de 1970¹⁴, com a estreia de *O Dia D* e suas entrevistas e reportagens especiais; também passaram a ser exibidos o *Jornal da REI*, *Jornal da Record* (que posteriormente passou a se chamar *Jornal da Noite*) e *Tempo de Notícias* (que depois foi chamado de *Record em Notícias*).

Com a revogação do Ato Institucional nº5, em 1978, a censura prévia deixou de ser uma constante nas redações, o que possibilitou maior mobilidade e a busca por novos padrões no telejornalismo brasileiro a partir da década de 1980.

3. O fim da ditadura e os novos caminhos da notícia televisiva

Este período já começa ilustrado pela fundamental importância da TV enquanto meio de informação. Dados do IBGE¹⁵ apontam que em 1980, 55% das residências contavam com o aparelho, um crescimento de 1272% em relação ao ano de 1960. Se por um lado a *Rede Globo* era alçada à condição de líder, a *Tupi* teve sua concessão cassada em 1980 e foi dividida entre os grupos Sílvio Santos e Adolfo Bloch.

¹⁴ Informações extraídas da página da emissora na internet. < <http://rederecord.r7.com/historia/>> acesso em 9 de abril de 2012, às 16h50.

¹⁵ Pesquisa retirada do livro *60 Anos de Telejornalismo*, p. 38.

Iniciando suas transmissões em 1981 – o *Sistema Brasileiro de Televisão* (SBT, anteriormente chamado TVS), comandado por Sílvio Santos levava ao Rio de Janeiro, pelo canal 11, uma programação pautada pelo entretenimento e, mais especificamente, por programas de auditório. Todavia, a emissora de Sílvio Santos marca a história do telejornalismo brasileiro por apresentar a figura do âncora, quando da contratação de Boris Casoy para o *TJ Brasil*, em 1988. Boris, porém, não foi o pioneiro – na primeira metade da década de 1980, Joelmir Beting exercia essa função no *Jornal da Bandeirantes*, ainda que muitas vezes de improviso.

Em 5 de junho de 1983 a *Rede Manchete* do grupo Bloch colocar no ar uma programação de alta qualidade técnica e jornalística, voltada para a Classe A. As cinco emissoras localizadas nas cidades do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo, Recife e Fortaleza levaram ao público em 1984 o *Jornal da Manchete* de segunda a sexta-feira, às 12h30. Enquanto outras emissoras se calavam, a Manchete cobriu grande parte dos comícios e passeatas em favor das “Diretas Já”, movimento pela volta das eleições democráticas no país. Entretanto, a programação voltada para um público tão específico não rendeu grandes lucros e, somando-se problemas de gerenciamento, a *Manchete* foi extinta em 1999.

Em 1988, nova Constituição foi promulgada e o artigo 220 atesta que “a manifestação do pensamento, a criação, a expressão e informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição” e coloca ainda que “nenhuma lei conterà dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social”, deixando para trás, definitivamente, qualquer resquício que a Ditadura possa ter deixado. A nova Constituição também retirou do Poder Executivo plenos poderes para a concessão de emissoras – a partir de então, era necessária a aprovação do Congresso Nacional.

Neste mesmo ano o *Jornal da Cultura* passa a investir na figura do âncora; a forma de apresentação popularizada pelos Estados Unidos insere comentários que se referem à linha editorial da emissora, formato até então censurado pela Ditadura, que impunha um jornalismo demasiado rígido, especialmente quanto à linguagem verbal. Carlos Nascimento e sua elogiada performance à frente do telejornalístico não

foram, todavia, garantia de sucesso e o apresentador se transferiu para a *Record* no ano seguinte.

Mudanças também marcaram o principal telejornal da Rede Globo; em 1996 Cid Moreira e Sérgio Chapelin saíram da bancada do *JN* para dar lugar a William Bonner e Lílian Witte Fibe. O objetivo da emissora era dinamizar a apresentação de seu carro-chefe, que possuía a mesma “cara” desde sua estreia. Outra mudança significativa na postura jornalística da rede foi a cobertura da Guerra do Golfo in loco, com o então repórter Pedro Bial – as entradas ao vivo e as reportagens direto de Bagdá, Tel-Aviv e Riad traziam detalhes inéditos para a televisão brasileira.

Embora a presença do âncora tenha sido crescente e a cobertura internacional tenham sido diferenciais no telejornalismo das décadas de 1980 e 1990, a uniformização dos conteúdos parecia perpetuar-se. As TVs abertas, de modo geral, apresentavam telejornais diários, mas sem profundidade, blocando editorias de modo superficial e adotando o famoso “*happy ending*” iniciado com o *Jornal Nacional*. “O cenário ficou ainda pior com o crescimento das TVs pagas. Segundo boletins do IBOPE, o *JN* perdeu, nesse período 23 pontos de audiência, caindo de 60 para 37 pontos (Folha de S.Paulo, 1997: 10-11)” (REZENDE, 2010, p. 73). No dia 15 de outubro de 1996, entrou no ar a *Globo News*, canal por cabo exclusivamente jornalístico da *Rede Globo*. A qualidade na abordagem de pautas, uma linguagem refinada e uma equipe de qualidade logo se tornaram paradigmas para o telejornalismo praticado em meados dos anos 1990. Infelizmente, as TVs abertas preferiram seguir pelo caminho contrário na busca desenfreada por audiência.

Na tentativa de reverter os números cada vez mais decadentes no Ibope, os telejornais de emissoras abertas passaram a abordar temas sensacionalistas; o *Jornal Nacional*, antes referência de austeridade, mostrava cenas de violência policial, arranhando o “Padrão Globo de Qualidade”. O sensacionalismo, estudado por Danilo Angrimani ficava cada vez mais evidente. Como pontua o autor,

Sensacionalismo é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento. Como o adjetivo indica, trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional, utilizando-se para isso de um tom escandaloso, espalhafatoso.

Sensacionalismo é a produção de noticiário que extrapola o real, que superdimensiona o fato (ANGRIMANI, 1995, p. 16).

Ainda nos anos 1990, o uso do grotesco, do absurdo, da sexualidade e da violência tornou-se constante e provocava acirrada disputa de programas com perfil apelativo como *Leão Livre* e *Programa do Ratinho*, os quais faziam uso abundante de tais recursos, distanciando-se do telejornalismo em relação aos parâmetros éticos que deveriam guiá-lo. A resposta da audiência veio e, embora os índices de visibilidade tenham aumentado, “pesquisa Revista Imprensa e Gallup em maio de 1995 verificou que ‘mais da metade da população’ duvidava do que via apresentado nos jornais de tevê” (BRESSER apud REZENDE, 2010, p. 72).

A chegada dos anos 2000 marcou também o ingresso do brasileiro na rede mundial de computadores. Embora a TV ainda seja o meio hegemônico, cada vez mais pessoas têm acesso à internet e a mobilidade dos aparelhos celulares traz novas possibilidades para o fazer jornalístico. Para concorrer com o líder *Jornal da Globo*, *Record* e *Band* lançam *Jornal da Record - 2ª Edição* e *Jornal da Noite*, respectivamente; no telejornalístico da *Record*, o apresentador Paulo Henrique Amorim fazia uso da internet para das informações em tempo real, recurso que passou a ser paulatinamente utilizado.

A *Record* passou a investir não apenas no novo meio, mas na cópia fiel da concorrente – cenários, apresentadores, formatos – tudo passou a ser feito numa mimese desvelada da *Globo*, no intento de atrair a audiência da líder, que estava acostumada com o conhecido “padrão de qualidade”. O crescimento da *Record* fez com que o *JN* mais uma vez recorresse a estratégias duvidosas. Rezende (2010) aponta que a câmera escondida passou a ser uma das estrelas do telejornalismo, e a exibição da série *Falcão*, pelo *Fantástico* em 2006, tentavam oxigenar um telejornalismo já saturado e de formato ultrapassado. Outra estratégia da *Globo* foi a inserção, desde abril de 2005, do *Globo Notícia*. Com duas edições diárias, ele apresenta um breve resumo das notícias nacionais e internacionais no começo da manhã e no final da tarde.

Um ano depois, em 2006, Carlos Nascimento chegaria ao *SBT*, com a certeza de que era preciso modificar o formato sisudo e ultrapassado que homogeneizava o telejornal brasileiro; era preciso dar mais dinâmica, leveza e humor à

apresentação. Karina Klinger (2006) afirma que havia a necessidade de superar o formato antiquado com apresentadores sisudos e comentaristas sem humor— realidade que só veio a se concretizar inteiramente na segunda década deste século XXI.

O jornalismo segmentado ganhou força com a estreia da *BANDNEWS*, em 2001 e da *Record News*, em 2007, trazendo “recursos digitais na elaboração e transmissão de informações” (REZENDE, 2010, p. 74). A digitalização da programação, aliás, tem sido alvo de discussões desde 1999, quando foram feitos os primeiros testes para a transmissão em alta definição; em novembro deste ano os dois últimos episódios da Série *Mulher*, da TV Globo foram ao ar em *HD*¹⁶, estreando a nova tecnologia no país.

O padrão de transmissão da *TV Digital* só foi escolhido, no entanto, em 29 de junho de 2006, com o *ISDB (Integrated Services of Digital Broadcasting)*. O modelo híbrido feito a partir do europeu e do japonês permite a mobilidade do sinal digital para celulares, *tablets* e outros aparelhos eletrônicos, a melhora significativa na imagem, a interatividade do público com a programação e a abertura de cinco canais por emissora; estes dois últimos recursos ainda não foram utilizados por nenhuma TV, embora boa parte das redes já esteja operando com a nova tecnologia.

Se por um lado a *HDTV* tem sido subutilizada, por outro, a internet tem sido cada vez mais inserida nos programas jornalísticos e a interatividade com o público tem se dado, em grande parte, por este meio. Em 2000, fora lançado o primeiro portal de televisão do Brasil, o *globo.com* integrando todo o conteúdo da TV com a rede. Em 2009 foi a vez da *Record* lançar o *R7.com*, muito semelhante ao portal da concorrência, numa junção de jornalismo e entretenimento. O *Jornal Hoje*, noticiário vespertino da *Globo* foi um dos primeiros a chamar o público para enquetes e quadros exclusivos no site. Hoje, pode-se dizer que a maioria das TVs abertas estimula a participação do telespectador nos programas por meio de comentários, vídeos e fotos enviados pela rede. Os próprios telejornais abrem espaço para conversas com especialistas por meio de chats e envio de recados dos internautas.

¹⁶ *High Definition* ou Alta Definição, em português.

Da nova safra de telejornalísticos, os anos 2000 reservaram algumas boas novidades tanto em linguagem quanto em formato. No que tange às TVs abertas, merecem ser citados *Profissão Repórter*, dirigido por Caco Barcellos, na *Rede Globo* que, de acordo com Rezende (2010) resgata a essência da atividade jornalística e o apuro investigativo; *Globo Mar*, exibido pela mesma emissora numa espécie de série de grandes reportagens apresentadas por Ernesto Paglia e, *Custe o que Custar (CQC)*, da *Rede Bandeirantes*, que trouxe para a TV nacional um modelo inédito de apresentar informação e entretenimento. Ainda na *Band*, merece destaque *A Liga*, programa que elege semanalmente um tema para aprofundar discussões, trazendo para a TV um estilo de jornalismo tradicional no impresso e nos livros-reportagem.

Em suma, pode-se aferir que a consolidação da internet como novo meio de comunicação propiciou mudanças nas produções telejornalísticas, pois é preciso dinamizar os conteúdos para fazer frente ao novo meio. Assim, o hibridismo tem se tornado constante e novos formatos são postos à prova no intento de ganhar uma audiência cada vez mais multimidiática.

4. Considerações finais

Com o intuito de verificar as características particulares do telejornalismo, a pesquisa buscou em diferentes épocas o que de mais significativo marcara o jornalismo televisivo. Notou-se que na década de 1950, o formato radiofônico era predominante, pois, à guisa de países europeus onde a TV fora herdeira do cinema, aqui, os profissionais eram originalmente radialistas, o que contribuiu para a precariedade da linguagem telejornalística durante seus primeiros anos.

Na década seguinte, quando o telejornalismo poderia alçar novas tentativas, o golpe militar coibiu o conteúdo veiculado e pouco a TV pode se transformar, à exceção de programas como *Pinga-Fogo* e *Jornal de Vanguarda*. No final da década de 1960 entraria no ar pela primeira vez o *Jornal Nacional* que, embora também estivesse amordaçado pela censura instituiu uma linguagem telejornalística até então incipiente no Brasil.

Dos anos 1980 até a atualidade, pode-se destacar como maior diferencial a introdução da internet na produção e veiculação dos telenoticiários, o que agiliza a cobertura dos fatos e recoloca a TV como meio hegemônico no que se refere à informação do povo brasileiro.

6. REFERÊNCIAS

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

BARBOSA, Marialva Carlos. Imaginação televisual e os primórdios da TV no Brasil. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; ROXO, Marco; SACRAMENTO, Igor. **História da televisão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 15-35.

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo**: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora - MG. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

KLINGER, Karina. Nascimento critica sisudez de âncoras de telejornal. **Folha Online**, São Paulo, 2 mar. 2006. Ilustrada. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u58362.shtml>>. Acesso em: 15 out. 2013.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira**: uma visão econômica, social e política. Petrópolis: Vozes, 2010.

PRIOLLI, Gabriel. Antenas da brasilidade. In: BUCCI, Eugênio (Org.). **A TV aos 50**: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 13-24.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; ROXO, Marco; SACRAMENTO, Igor. **História da televisão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

SIMÕES, Inimá. Nunca fui santa: (episódios de censura e autocensura). In: BUCCI, Eugênio (Org.). **A TV aos 50**: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 65-94.

SIQUEIRA, Fabiana Cardoso de. in PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo; COUTINHO, Iluska. **O Brasil (é)ditado**. Florianópolis: Insular, 2012.

VIZEU, Alfredo. **60 anos de telejornalismo no Brasil**: história, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010.